



ARTIGO DO  
CURSO DE FILOSOFIA OCULTA

## A FACA & O CORTE TEURGIA NA QUIMBANDA

DA SÉRIE: O ESPÍRITO DE SÃO CIPRIANO



CIPRIANO O MAGO  
*Autor: Romario Romis*

O desejo de se comunicar com os espíritos é mais antigo que a história; relacionado com princípios indelévels da natureza humana [...] e as tentativas de satisfazer esse desejo geralmente tomam uma forma que traz um grande ultraje a razão. [...] A constância da reiteração [da conjuração] feita com frequência aumenta sua autoridade e poder, e acomete o terror nos espíritos, submetendo-os a obediência. [...] No Egito, na Índia e na Grécia, não se lidava com diabos como no cristianismo; Typhon, Juggernaut e Hécate não eram divindades inferiores, mas sim deuses absolutos, e o ofício de Canídia era em sua maneira tão sagrado como os pacíficos mistérios de Ceres.<sup>1</sup>

O espírito assentado deixa de ser um mero «falangeiro» e torna-se um Mestre pessoal, responsável pelo desenvolvimento do adepto. [...] Um adepto não precisa ter muitas «linhas» para se desenvolver e sim, um único e grandioso Mestre que corra todos os Reinos e o ampare em sua jornada.<sup>2</sup>

Nas mais antigas versões de histórias sobre espíritos familiares, nós somos orientados a não ouvi-los e segui-los cegamente, mas ao invés disso, a estabelecer uma *relação* com os espíritos, o que nos ajuda, com suas orientações, a estabelecer nosso compasso interno.<sup>3</sup>

A história da magia no Ocidente é em grande medida uma história focada na intervenção dos espíritos e dispositivos [mágicos]. A maior parte de nossos registros históricos, dos grimórios a estudos acadêmicos modernos, examina um tipo de magia que é operado abaixo do nível do adepto. Aqui encontramos o mago estabelecido com lamens, anéis, sigilos e livros; seu corpo adornado com vestimenta [cerimonial], ferramentas e toda uma parafernália que possibilita a intervenção dos espíritos. Cada um desses dispositivos é uma lição da arte. Quando criados pelo mago e trazidos a vida por meio do contato com os espíritos podem se tornar poderosos artefatos com laços autênticos com os espíritos. [...] Se nós começarmos a traçar o registro histórico da tradição ocidental de magia ritual até os antigos reinos da Grécia, Caldeia ou Egito, rapidamente perceberemos que o poder do mago reside na sua versatilidade e capacidade de se comunicar com uma quantidade variada de criaturas espirituais. [...] A magia que ele opera é mais um ato de mediação do que de desempenho próprio. Seja mediando anjos, demônios ou deidades, o antigo ritual de magia requer uma criatura espiritual trabalhando em função do mago no reino [da geração]. [...] O mago e suas ferramentas nesse contexto são meros portais das forças que passam através deles.<sup>4</sup>

Nos anos recentes a magia mudou. Nós tivemos uma explosão de publicações de textos tradicionais da magia europeia. Muitos magistas tiveram acesso a tradições vivas da magia. Nós vimos as tradições mágicas que foram obscurecidas pela tradição moderna [da magia]. Com essa consciência nós nos descobrimos em um mundo vivo repleto de espíritos; espíritos que têm vivido poderosamente, seres independentes que dão vida, dinamismo e poder a magia.<sup>5</sup>

Em todos os países e em todos os tempos, encontra-se comumente disseminada a crença em seres sobrenaturais, de uma classe inferior à dos deuses, que interveem diretamente no curso das coisas e especialmente nos assuntos humanos,

---

<sup>1</sup> Arthur Edward Waite, O LIVRO DA MAGIA NEGRA E DOS PACTOS. Via Sestra, 2018. *Os colchetes são meus.*

<sup>2</sup> Danilo Coppini, QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA. Via Sestra, 2019.

<sup>3</sup> Maja D'Aoust, FAMILIARS IN WITCHCRAFT. Destiny Books, 2019.

<sup>4</sup> Frater Acher, CYPRIAN OF ANTIOCH. Quereia Publishing, 2017. *Os colchetes são meus.*

<sup>5</sup> BJ Swain, LIVING SPIRITS: A GUIDE TO MAGIC IN A WORLD OF SPIRITS. Publicação do autor, 2018. *Os colchetes são meus.*

seres benfazejos, maléficos ou indiferentes, com quem o homem procura se conciliar mediante práticas religiosas ou mágicas; é o povo inumerável e temível dos espíritos, demônios, anjos e gênios de toda espécie, invisíveis, ativos e obsessores.<sup>6</sup>

Não há dúvida de que existem os espíritos Bons e Maus; e que estão em relacionamento com os homens; não há dúvida de que os ditos espíritos estão dotados de uma inteligência soberana, posto que a própria religião lhes dá o poder de tentar-nos, de induzirmos ao bem e ao mal; logo, se por meio da Magia pode o homem pôr-se em relação com estes espíritos, esse homem logrará alcançar a suprema sabedoria.<sup>7</sup>

Hécate, a deusa grega da feitiçaria, além de ser associada as encruzilhadas, matas selvagens, espaços limiares, também está conectada aos fantasmas, espíritos infernais e a necromancia. [...] A diabolização da necromancia eventualmente levou-a a ser renomeada para *nigromancia* (divinação negra), posteriormente classificada como *magia negra* ou *arte negra*. Isso transformou a percepção da arte, tornando-a sombria e relacionada ao diabo. [...] Quando animais são sacrificados [cerimonialmente] [...] está prática atraindo e alimenta os espíritos dos mortos, que vêm beber o fluído da vida. [...] A arte da necromancia inclui o trabalho com ancestrais, trabalho onírico, convocação de sombras, comunicação com espíritos, e todas essas práticas combinadas para divinação, magia e feitiços.<sup>8</sup>

A Magia é a arte de submeter às potências da natureza à vontade humana. Entre essas potências há as entidades invisíveis, espíritos, gênios e demônios evocados mediante fórmulas, orações, encantamentos, talismãs, pantáculos, filtros e outros agentes naturais.<sup>9</sup>

Qualquer definição acurada sobre magia deve envolver conceitos como os de outros mundos, espíritos, *daimones* e deuses, porque essa é a premissa pela qual muitos magistas operam.<sup>10</sup>

Cipriano deveria, em princípio, ser entendido como um guia para aquela experiência maravilhosa quando o feitiçeiro finalmente alcança o conhecimento e conversação com seu espírito patrono.<sup>11</sup>

Deve ser entendido que este [O LIVRO DE SÃO CIPRIANO], diferente de outros grimórios, não é uma relíquia de um distante passado mágico, ele não é um livro antigo e morto que espera para ver a luz novamente através de um devotado magista. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO não se trata de um livro; ele não está localizado no tempo ou no espaço. Como qualquer culto, ordem ou religião viva e ativa, trata-se de um *contínuo*, uma corrente. Ele muda seu conteúdo porque está vivo, porque é praticado e vivido em vários contextos culturais, sociais e geográficos [...] [e] ele constantemente responde as necessidades de seus leitores. Da costa da Catalunha a

---

<sup>6</sup> Jean Beaujeu APULÉE. OPUSCULES PHILOSOPHIQUES – DU DIEU DE SOCRATE, PLATON ET SA DOCTRINE, DU MONDE. Texto, trad. e com. de Jean Beaujeu. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

<sup>7</sup> Jonas Sufurino em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O TESOURO DO FEITICEIRO; veja THESAURUS MAGICUS, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

<sup>8</sup> Christopher Orapello e Tara-Love Maguire, BESOM, STANG & SWORD: A GUIDE TO TRADITIONAL WITCHCRAFT, THE SIX-FOLD PATH & THE HIDDEN LANDSCAPE. Weiser Books, 2018.

<sup>9</sup> Antônio Maria Ramallete, O BREVIÁRIO DE SÃO CIPRIANO. Eco, 2016.

<sup>10</sup> Stephen Skinner, TECHNIQUES OF GRAECO-EGYPTIAN MAGIC. Golden Hoard Press, 2014.

<sup>11</sup> Humberto Maggi, SCIENTIA DIABOLICAM. Clube de Autores, 2018.

Algarve, da Ibéria rural ao nordeste do Brasil, dos terreiros de Quimbanda e finalmente até as cidades, ele é em todo o sentido do termo um livro de magia popular, um livro [de magia] para o povo. [...] Ele vive a margem da sociedade, nas sombras, no limiar entre religiosidade e heresia, virtude e vício. Como o próprio Santo, ele vive naquela linha onde Deus e o Diabo se encontram. [...] Mas como um *contínuo*, um ponto parece ser constante em suas edições, todas trazem a narrativa faustina.

[...] Este terceiro período [da tradição cipriânica] não pode ser separado da efervescência mágico-religiosa da atmosfera Sul-americana. Foi ali, num grande cadinho cultural de sangue branco, negro e nativo-americano que as práticas da magia cipriânica foram revitalizadas e desenvolvidas para além dos princípios da prática ibérica, afastando-se dos livros originais. Essa nova e impressionante onda de práticas parece estar fazendo seu caminho de retorno a Ibéria e Europa, seja através da imigração ou pelo incrível prestígio e reconhecimento das técnicas mágico-religiosas Sul-americanas, colorindo e revitalizando antigos cultos cipriânicos. Em teoria, devido a seu caráter altamente pragmático, estas novas práticas revitalizadas poderão no futuro uma vez mais cristalizar uma nova ortodoxia cipriânica. Contudo, devido à possibilidade de se estabelecer contato mediúnico com São Cipriano, um constante fluxo de material novo e atualizado é estabelecido, fazendo dele uma corrente viva, como uma vez o foi em um distante passado da Ibéria.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> José Leitão, THE BOOK OF ST. CYPRIAN: THE SORCERER'S TREASURE. Hadean Press, 2014.

## A FACA & O CORTE TEURGIA NA QUIMBANDA



O *Curso de Filosofia Oculta* é um seminário on-line permanente na internet. Nele estudamos a *tradição da magia* desde seus primórdios até os dias de hoje, buscando encontrar o Fio de Ariadne que subjaz as inúmeras tradições e cultos verdadeiramente mágicos. No CFO fazemos uma imersão na magia, passando pelos cultos de mistérios na Antiguidade a magia brasileira de mão esquerda, a Quimbanda, encontrando traços que conectam o feiticeiro de hoje com o feiticeiro do passado.]



ntes de iniciar a leitura deste opúsculo de meditação, releia o texto *Teurgia, Goécia & Quimbanda* desta série. Gostaria de começar este revisando algumas ideias que já estudamos no *Curso de Filosofia Oculta*. Teurgia e goécia (feitiçaria)<sup>13</sup> são práticas religiosas mágico-espirituais tão antigas quanto a idade do homem. Ambas têm em comum muitos elementos, como o conhecimento e conversação com espíritos diversos, além de compartilharem técnicas mágicas idênticas: uma invocação/convocação/conjuração na teurgia, também será e terá a mesma finalidade na goécia. A diferença essencial entre elas está no operador, nas suas inclinações espirituais e nas decisões e ações mágicas que ele decide colocar em prática.<sup>14</sup> O eixo central de ambas as engrenagens, teurgia e goécia, é o sacrifício cerimonial. A arma fundamental e mais importante do teurgo é também a arma mais importante do feiticeiro: a faca.

Na teurgia, a faca é a arma teúrgica do Logos; um símbolo da *análise* criteriosa e luminosa do Logos e de sua ação *separadora*: silenciosamente o Logos *vê* – racionalmente – e separa as ações da alma animal/emocional da alma intelectual, as vibrações e virtudes distintas do plano das ideias ao reino da geração, estabelecendo uma ordem interna, uma organização na alma que espelha a ordem fundamental do próprio cosmos; de igual modo a faca separa a vida da morte quando a lâmina fende a garganta do animal sacrificado. A Luz do Logos presente na faca invade o veículo pneumático do animal sacrificado, tornando-o um sacrifício luminoso, adequado às deidades convocadas na cerimônia. A faca é a ferramenta que torna a morte um sacrifício sagrado. Ao empunhar sua faca, o teurgo se conecta ao Logos e torna-se seu instrumento. Como na Quimbanda, duas são as armas sacerdotais de um teurgo e sem as quais a teurgia não é acionada: a faca e o fogo, elementos fundamentais da teurgia universal.

---

<sup>13</sup> Originalmente, lembrando o que foi dito anteriormente, a goécia foi nos primórdios uma arte de conhecimento e conversação com os mortos apenas. Somente com o tempo ela agregou a comunicação com outras criaturas espirituais. A Quimbanda é, portanto, uma *goécia brasileira*, no sentido em que é uma arte de comunicação com almas mortas deificadas, os Exus e Pombagiras, e Eguns diversos.

<sup>14</sup> Nós vimos anteriormente que a diferença largamente difundida, mas às vezes deveras equivocada, dependendo do contexto em que é colocada, é que a feitiçaria (goécia) trata-se do comércio com entidades menores, telúricas e ctonianas; a teurgia, por outro lado, trata-se da comunicação com espíritos mais elevados, de planos superiores. Essa diferença é bem falaciosa. Tanto na teurgia quanto na feitiçaria usa-se lidar com todo tipo de criatura espiritual.

A Quimbanda, fundamentalmente o tronco luciferiano/satanista, não trabalha com a ideia do Logos como compreendida no neoplatonismo tardio; a Luz da alma intelectual é Lúcifer, o archote luminoso perpetuamente aceso na cabeça da deusa Baphomet (Beelzebuth/Maioral). Ao empunhar sua faca o feiticeiro-kimbanda segura em suas mãos a própria Luz de Lúcifer e como prometeu que roubou o fogo dos deuses, com ela fende a garganta do animal; como um relâmpago que brilha e ilumina a escuridão, a queda da Luz que vem dos Céus, a alma do animal é saturada de poder para tornar-se um *augoeides* apropriado ao sacrifício propiciatório. Para este ofício ritual a faca deve possuir poder (*axé*). Na teurgia o veículo pneumático da faca é saturado com a Luz do Logos através de um rito de imantação, quando se torna *eikon-logoi*, uma imagem do próprio Logos. Na feitiçaria-kimbanda uma cerimônia cognata, o *Axé de Faca*, torna um objeto profano em um instrumento magístico sagrado, imbuído de poder para sacrificar um sacrifício e deificar o animal.

No ritual de iniciação, o adepto e seu Exu Tutelar *nascem* para Quimbanda; a *Faca de Feitura* recebida pelo adepto representa uma conexão *logóica* – ou *luciférica* – entre o adepto e seu Exu Tutelar, um vínculo mágico de união entre ambos. Ao *cortar* teurgicamente um animal com sua faca, o adepto está usando a arma mágica de seu Exu Tutelar, o instrumento sacerdotal através do qual ele se alimentará de *menga* (sangue). O momento que precede o *corte* é um silêncio profundo, uma sensação de calma, clareza e paz que amplia os horizontes da consciência; o que vem adiante é a gnose do *corte* quando são abertos portais a manifestação total do poder do Exu Tutelar e a oferenda em honra e glória a ele; neste ato de sacrifício teúrgico reforça-se o pacto e aliança com o Exu Tutelar, o *diabo pessoal*.

Quando se cultua a força de Exu através do *corte* colocamos dinamismo e vida em nossos propósitos, prosperidade e abundância na vida secular e a cura para as mazelas da mente, das emoções e do corpo. O veículo pneumático se utiliza e isso tem um impacto profundo na mediunidade e sensibilidade espiritual, na personalidade e conduta pessoal. No *corte* o feiticeiro-kimbanda busca a gnose com seu Exu Tutelar, a convocação de sua sabedoria ancestral para resolução de questões espirituais e demandas da vida. A faca, portanto, como a Luz da conexão entre o Exu Tutelar e seu adepto, é o archote luminoso que ilumina seu caminho, como o eremita guiado no silêncio e nas sombras das profundezas por sua candeia mágica. Na teurgia ou na tradição da Quimbanda, a faca é um instrumento de deificação da alma.

Laroyê Exu é Mojuba!  
Ζητει Μυστηρια

Fernando de Ligório  
*Curso de Filosofia Oculta*